



A Interlocução de Saberes na Antropologia

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Antropologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I61 A interlocução de saberes na antropologia [recurso eletrônico] /
Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-045-2

DOI 10.22533/at.ed.452191701

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Castilho,
Danila Barbosa de.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A antropologia se dedica ao estudo do ser humano e suas diversas manifestações culturais, políticas e religiosas. As discussões acerca da construção da cultura, da memória, das identidades, festas, conflitos e disputas por espaços de memórias e o processo de globalização ocorrem em meio às tensões e conflitos que permeiam as relações sociais compõem o campo de estudos da antropologia.

As pesquisas antropológicas permitem estabelecer relações entre outras ciências como a história, a geografia, a sociologia, a linguística, entre outras, tornando-se um campo multidisciplinar. Podemos perceber essas relações nos textos que serão apresentados nesta obra, onde os autores ao desenvolverem suas pesquisas, sobre os mais variados temas, dialogam com autores como Eric Hobsbawn, Maurice Halbwachs, Stuart Hall, Anthony Giddens, Claude Lévi-Strauss, Mikhail Bakhtin, entre outros.

Esta coletânea, apresenta a você leitor esta diversidade característica das pesquisas antropológicas. Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
ARTE E MEMÓRIA DO POVO INDÍGENA ASURINI DO XINGU NOS TRANÇADOS REALIZADOS NAS FLECHAS, ARCOS E CAPACETES	
Reliane Pinho de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4521917011	
CAPÍTULO 2	26
AS AMEAÇAS DO DESENVOLVIMENTO: CONFLITOS E DISPUTAS PELOS BENS NATURAIS NO SEMIÁRIDO CEARENSE	
Francisco Hélio Monteiro Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.4521917012	
CAPÍTULO 3	40
FESTA, MERCADO E TURISMO: BLOCOS, MARACATUS E A POLÍTICA DE EDITAIS EM FORTALEZA	
Danielle Maia Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.4521917013	
CAPÍTULO 4	55
NEORURAIS: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	
Ione Cristina Dantas Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.4521917014	
CAPÍTULO 5	67
OS “POVOS RIBEIRINHOS” E A RESERVA EXTRATIVISTA NO RIO MAPUA NO ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ, BRASIL	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4521917015	
CAPÍTULO 6	84
POR QUE NÃO?": ANÁLISE DO DISCURSO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE FRENTE A UTILIZAÇÃO DA OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA NOS PROCEDIMENTOS DE ABORTO LEGAL	
Maynara Costa de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4521917016	
CAPÍTULO 7	98
PRODUÇÃO DE MORALIDADES EM REDES DE SOCIABILIDADES GAYS E LÉSBICAS DAS CLASSES MÉDIAS ALTAS EM TERESINA	
Pâmela Laurentina Sampaio Reis	
Ana Kelma Cunha Gallas	
DOI 10.22533/at.ed.4521917017	
CAPÍTULO 8	112
PUBLICIDADE E IMAGINAÇÃO INFANTIL: AS VAMPIRAS MONSTER HIGH E A MORTE DA INFÂNCIA	
Karlla Christine Araújo Souza	
Maria Soberana de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.4521917018	
CAPÍTULO 9	127
TARTARUGAS MARINHAS NA COSTA AMAZÔNICA PARAENSE: OCORRENCIAS E	

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA PESCADORES ARTESANAIS

Roberta Sá Leitão Barboza

Claudia Nunes Santos

Luis Junior Costa Saraiva

Darcy Flexa Di Paolo

Juarez Carlos Brito Pezzuti

DOI 10.22533/at.ed.4521917019

SOBRE A ORGANIZADORA..... 145

NEORURAIS: uma identidade em construção na era da globalização

Ione Cristina Dantas Ribeiro¹

RESUMO: Este artigo tratará da discussão dos neorurais como uma identidade em construção. Para isso, trabalhou-se com a perspectiva de identidade enquanto processo contínuo no contexto da globalização. O foco da discussão é identidade cultural, com seus fluxos, intensidade, limites e hibridismos para abordar a empiria aqui considerada como neorural. Assim, o artigo estará dividido em três seções para viabilizar a compreensão do debate. Na primeira será discutida a globalização como desdobramento da modernidade segundo Giddens (2007; 1991) e Andrade (2004). A segunda tratará da questão da identidade como um processo contínuo, por meio da análise de fluxos, limites e hibridismos, tendo como suporte teórico Hannerz (1997) e Hall (2014). Por fim, a terceira seção discutirá os neorurais enquanto categoria identitária em construção, sendo utilizados autores como Wanderley (1997), Soares et al. (2008), Giuliani (1990) e Fialho (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Globalização; Modernidade; Neorurais.

ABSTRACT: This article will focus on the discussion of neorurais as an identity under

construction. For this, we worked with the prospect of identity as an ongoing process in the context of globalization. The focus of the discussion is cultural identity, with its flows, intensity, limits and hybrids to address the empirical regarded here as neorural. Thus, the article is divided into three sections to facilitate the understanding of the debate. The first will be discussed globalization as a development of modernity, Giddens (2007; 1991) and Andrade (2004). The second will deal with the question of identity as an ongoing process, through the flows analysis, limits and hybrids, with the theoretical support Hannerz (1997) and Hall (2014). Finally, the third section will discuss the neorurais as identity category under construction, being used as authors Wanderley (1997), Soares et al. (2008), Giuliani (1990) and Fialho (2005).

KEYWORDS: identity; globalization; modernity; Neorurais

INTRODUÇÃO

A modernidade trouxe consigo a ideia de globalização, embora o termo só tenha emergido no final do século XX. É possível afirmar o projeto da modernidade como global, especialmente, por sua natureza universal com a identidade única e fixa do ser humano.

¹ 1.Assistente Social. Mestranda em Sociologia (UFPI-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-). E-mail: ioneribeiroas@yahoo.com.br

O advento considerado como globalização fez emergir uma aludida crise de identidade por evidenciar a multilateralidade da identidade ou mesmo sua multiplicidade. Hall (2014) vai dizer que não estamos diante de uma crise de identidade, pois, o ser humano não possui uma identidade cultural fixa e sim várias identidades. Esse novo cenário trouxe consigo alterações na dinâmica cultural das sociedades.

Assim, discutir identidades exige um exercício analítico para além desta palavra. É necessário fazer um exame de aspectos como fluxo, limites e hibridismo, com vistas a viabilizar a compreensão sobre identidades, enquanto processo que sofrera mutação (para alguns pensadores) na modernidade contemporânea, mas, que para Hall (2014) se trata de uma multiplicidade em que as identidades sempre são plurais.

Desta feita, o presente artigo tem como propósito apresentar uma perspectiva analítica que permite enxergar o processo identitário como múltiplo em confronto com a perspectiva de unicidade adotada no nascedouro da modernidade, permitindo identificar como pluralidade o que antes foi visto como contradição.

Mas como os neorurais se configuram nesse processo identitário, de múltiplas identidades dentro da globalização?

Frente a leituras sobre identidades na modernidade contemporânea acredita-se que os neorurais não se intitulem “neorurais”, por se tratar de uma identidade recente, pouco referida na academia e ainda pouco acionada pelos próprios sujeitos. Em outras palavras, nem os próprios neorurais, muitas vezes, se intitulam como tal.

Para tanto, o artigo está dividido em três seções, onde na primeira é discutida a globalização como desdobramento da modernidade segundo Giddens (2007; 1991) e Andrade (2004). A segunda trata da questão da identidade por meio da análise de fluxos, limites e seu caráter híbrido, sendo utilizado autores como Hannerz (1997) e Hall (2014). Por fim, a terceira seção discutirá os neorurais enquanto categoria identitária em construção, tendo como aporte teórico Wanderley (1997); Soares et al. (2008), Giuliani (1990) e Fialho (2005).

1 | A GLOBALIZAÇÃO COMO DESDOBRAMENTO DA MODERNIDADE: ASPECTOS ANALÍTICOS SEGUNDO ANTHONY GIDDENS

A discussão de modernidade trazida aqui será do final do século XX, considerada uma modernidade tardia, segundo Hall (2014), incluindo seus desdobramentos, na qual em alguns momentos chamarei de “modernidade contemporânea” por questões textuais. Assim, será enfocada a globalização e alterações na dinâmica das relações sociais, à luz de Giddens (2007; 1991).

Neste contexto, é necessário destacar que a história humana não segue uma linha reta e homogênea de desenvolvimento e que a noção de modernidade que se tem vivenciado é uma experiência que nos afasta dos tipos tradicionais de ordem social, estabelecendo uma ligação entre as relações sociais do globo, além de conseguir alterar

certas características pessoais e subjetivas de nossa existência. Aqui, cabe destacar elementos como o ritmo e o escopo da mudança, elementos fortes da modernidade contemporânea, sobretudo, quando se trata da tecnologia, como assevera Giddens (1991, p. 15):

Como deveríamos identificar as discontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais? Diversas características estão envolvidas. Uma é o *ritmo da mudança*, nítido que a era da modernidade põe em movimento. As civilizações tradicionais podem ter sido consideravelmente mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema. Se isto é talvez mais óbvio no que toca à tecnologia, permeia também todas as outras esferas. Uma segunda discontinuidade é o *escopo da mudança*. Conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra [...].

É visível a movimentação das nações e suas sociedades que usufruem da tecnologia, não entrando em pauta nesta análise o impacto provocado pelas consequências tecnológicas. Outro elemento observado é a interconexão entre diferentes áreas do globo, nas quais as próprias tecnologias geram significativas transformações sociais frente à velocidade de apresentação de tais transformações.

Em outras palavras, uma mudança social em uma das partes do globo adentra outra parte em pequeno espaço de tempo. Neste cenário de modernidade contemporânea, o tempo e o espaço sofrem transformações, sobretudo, quando estes dois elementos são comparados à modernidade anterior ao século XX.

Para Giddens (1991, p. 26) o tempo estava conectado ao espaço (este no sentido de lugar). No entanto, na modernidade contemporânea a relação face a face fica prejudicada, entrando em cena uma relação virtual ou um tipo de relação chamada de relação entre outros “ausentes”. Trata-se de uma relação onde a proximidade entre as pessoas é estabelecida por equipamentos que podem, inclusive, mascarar sentimentos, sendo ao mesmo tempo rápida.

Em outras palavras, na modernidade contemporânea, o lugar retorna ao que Giddens (1991, p.27) chama de “fantasmagórico”, já que, os locais são algo penetrado, moldado e influenciado por outros bem distantes deles. Assim, a fronteira física ou território não é mais referência fixa de uma sociedade ou grupo social. Passa a ser algo móvel que orienta e se orienta pelos processos identitários. O que se tem agora é um frenético e dinâmico movimento das influências em diferentes locais da Terra, por outros igualmente (ou não) diferentes lugares.

Cabe então, um destaque para discussão de territorialidade e as consequências do contexto supracitado. Isto porque a ideia que se tinha antes de territórios como espaço, deu lugar à noção de domínio, onde os territórios se movem pela dinâmica política, definindo e redefinindo identidades, conforme Andrade (2004, p. 19-20):

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou lugar, estando

muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.

O fato é que toda essa dinâmica da modernidade contemporânea evidencia um de seus fenômenos mais básicos que é a globalização, conceituada por Giddens (1991, p.69) como sendo essencialmente:

[...] processo de alongamento na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através das superfícies da terra como um todo. A globalização pode ser assim, diferenciada como a intensificação das relações sociais em escala mundial que ligam localidades distantes de tal maneira e acontecimentos locais, são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice e versa.

Assim, observa-se que a globalização tem importante papel na intensificação das relações sociais em escala global, influenciando acontecimentos, em localidades distantes, os quais poderão (ou podem) alterar a realidade e o futuro de um povo. É o caso das guerras e das crises financeiras em países tidos como ricos. Desta feita, a transformação local terá relação com processos de globalização e vice-versa.

Mas em que condições podemos examinar a globalização mais especificamente?

A globalização ultrapassa a fronteira conceitual, por trazer no seu cerne uma abordagem bem mais ampla do que aquilo que entendemos rotineiramente, o que pode ser constatado com Giddens. (2007), quando discorre sobre elementos que juntos caminham para o que se pode ser (ou não) a ideia mais completa de globalização. Vejamos alguns deles.

Para Giddens (2007, p. 21) a globalização é política, tecnológica e cultural, além de econômica, influenciada fortemente pelo desenvolvimento dos sistemas de comunicação, merecendo imperioso destaque a comunicação eletrônica instantânea que além de acessar rapidamente o mundo notícias e informações, ressignifica a própria estrutura de nossas vidas, independentemente da condição econômica, territorial ou social vivenciada.

Desta feita, Giddens (2007, p.22) afirma que:

É errado pensar que a globalização afeta unicamente os grandes sistemas, como a ordem financeira mundial. A globalização não diz respeito apenas ao que está lá fora, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá aqui dentro, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas. O debate sobre valores familiares que está se desenvolvendo em vários países, por exemplo, poderia parecer muito distanciado das influências globalizantes. Mas não é.

Percebe-se que a globalização, embora remeta a uma ideia de amplitude, de união do todo, traz também influências em aspectos subjetivos do indivíduo. Influências

estas, muitas vezes, não perceptíveis a olho nu, mas, que vão interagindo com a subjetividade de cada pessoa, podendo levar a uma ressignificação de características que a identifica e categoriza um dado grupo social.

Cabe assim afirmar, com base em Giddens que a globalização não é um processo singular, mas, um conjunto complexo de processos, que fomentam inclusive, o ressurgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo. Além disso, “cria novas ondas econômicas e culturais, dentro e através das nações”. (GIDDENS, 2007. p. 23)

Todavia, o autor supracitado faz uma ressalva de suma importância para compressão mais universal da globalização. É o fato desta não se desenvolver equitativamente, isto é, não chegar em todas as partes do mundo na mesma intensidade. Não obstante, é importante ressaltar também, que não existem de modo fixo consequências positivas e nem negativas quando se trata da globalização, o que pode ser constatado pelo alarmante processo de desigualdade, além de problemas ambientais e ecológicos que vêm ganhando amplitude.

No entanto, cabe destacar no plano das questões ambientais que problemas deste tipo como poluição e excesso de lixo, predominam na cidade e que as pessoas estão retornando ao campo na busca pela natureza que já não é tão vista na vida citadina.

Desta feita, este retorno ganha outra significação, onde a relação do espaço rural com a natureza no hoje traz na verdade a função identitária oriunda de uma nova concepção de segmentos populacionais que buscam o campo como representação de saúde, liberdade, bem estar e tranquilidade, conforme assevera Soares et al. (2008). Em outras palavras, o campo não é mais visto como o lugar do atraso e da ausência, por exemplo.

Pelo exposto, é possível afirmar que a globalização é a modernidade, se constituindo de consequências positivas e negativas também. Há ainda, o caráter complexo de compreensão dessa globalização, já que, a mesma influencia não só da vida econômica, mas, a vida política, social e cultural de um povo, permitindo uma discussão sobre identidades no cenário globalizado, conforme será visto a seguir.

2 | A QUESTÃO DA IDENTIDADE: FLUXOS, LIMITES E SEU CARÁTER HÍBRIDO

A questão da identidade está relacionada diretamente ao caráter de mudança ocasionada pela modalidade tardia da modernidade, em especial, ao processo de globalização e sua influência sobre a identidade cultural. Isto porque autores como Hall (2014) acreditam que as mudanças vivenciadas na fase supracitada têm um caráter muito específico.

Assim, o autor afirma que as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Em fim, as sociedades da modernidade

tardia são “caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições do sujeito – isto é, identidades – para os indivíduos”. (HALL, 2014, p. 14)

Desta feita, para falar em identidades é necessário que haja uma compreensão sobre esse processo contínuo, que extrapola fronteiras, encontra limites, no sentido da descontinuidade, além de produzir indivíduos híbridos, isto é, não só misturados, mas com múltiplas identidades. Parecem definições grosseiras frente à proposta do item que é abordar a identidade como um processo constante de construção. Mas, o propósito aqui é apresentar elementos/informações norteadoras que levem a entender as identidades como fruto de processos complexos, os quais as realidades culturais vivenciadas sofrem o que podemos chamar de pluralidades de identidades, havendo, portanto, várias identidades.

Para tanto, buscarei como referência Hannerz (1997) para me apropriar conceitualmente de elementos que compõem os processos identitários. Neste sentido, a base do conceito utilizado será da cultura de fluxo, remetendo à ideia de Alfred Kroeber, o qual trata do “interfluxo de material cultural das civilizações” (KROEBER, 1952, p.154), além do caráter temporal. É uma ideia mais próxima da noção de fluxo, na qual me situo.

Entretanto, cabe trazer para este cenário as pessoas, já que, são elas que colocam a cultura em movimento, reinventam e realizam outros “experimentos” com a mesma. Contudo, é importante destacar, que está se falando de fluxo metaforicamente, o que incorre em risco.

Nesse sentido, é que Hannerz (1997, p.14-15) chama a atenção para o seguinte aspecto:

Alguns analistas alegaram que a metáfora faz com que os processos culturais pareçam fáceis demais, tranquilos demais. Certamente não se deve interpretá-la como uma questão de simples transposição, simples transmissão de formas tangíveis carregadas de significados intrínsecos. Ela deve ser vista como originando uma série infinita de deslocamentos no tempo, às vezes alterando também o espaço, entre formas extremas acessíveis aos sentidos, interpretações e, então, formas externas novamente; uma sequência ininterrupta carregada de incertezas, que dá margem a erros de compreensão e perdas, tanto quanto a inovações.

Observa-se que nem sempre a metáfora será um recurso prudente em tal processo analítico, já que, está se tratando, dentre outras coisas, de deslocamento no tempo e algumas vezes no espaço, o que não é uma tarefa fácil.

No tocante aos limites, a ideia primeira é que este se refere à descontinuidade e obstáculos. Sobretudo, quando a análise sobre tal elemento se torna mais apurada, percebendo-se o surgimento de outro fenômeno que é a “aculturação”, conceituada por Hannerz (1997, p. 16) como sendo:

[...] A mudança cultural desencadeada pela combinação de dois ou mais

sistemas culturais autônomos; e “a unidade de análise nos estudos de aculturação é [...] qualquer cultura dada na medida em que se articula com uma sociedade específica”. Por meio dessas formulações, a distinção entre o social e o cultural tornou-se na maioria das vezes imperceptível [...].

Indo além de tal conceito é possível dizer que na aculturação pode haver um isolamento velado que negligencia a participação de outros atores existentes nessa cultura.

Assim, falar em limite cultural significa dizer que “o fluxo cultural estacionou de algum modo em algum lugar, onde existe uma descontinuidade na distribuição de significados e/ou formas significativas entre indivíduos e relações sociais” (HANNERZ, 1997, p. 17). Tal pensamento em específico diverge do pensamento de Hall (2014), que credibiliza a existência de pluri identidades, remetendo a uma noção de movimento e não de estacionamento.

Porém, quando tomamos como análise a globalização do final do século XX, percebemos que as pessoas já não são identificadas, segundo Hannerz (1997, p.18) como pertencente a um lugar específico. Isto porque elas são influenciadas por diversificadas correntes culturais que as ressignificam em si própria. Em outras palavras, é a cultura se movendo, como assevera Hannerz (1997, p.18):

À medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como fluxo migratório, o fluxo de mercadorias e fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que provavelmente diferem muito na maneira de fixar seus próprios limites; ou seja, em suas distribuições descontinuas entre pessoas e pelas relações.

Nota-se que a cultura pode ser entendida como um processo constantemente em curso, influenciando, relações, outras culturas, economia, política, experiências pessoais, dentre outros. Trata-se de um processo pluralista, o qual deve levar em conta as variações na forma cultural em questão. (HANNERZ, 1997, p.18)

Neste patamar de discussão, cabe destacar que me deterei à noção de “limites” em Hannerz (1997) por pura escolha teórica, não adentrando o debate sobre fronteiras, com vistas a não cometer erros analíticos, o que não inviabiliza a abordagem sobre “híbridos” no sentido de mistura, modificação, combinação, não somente em seu sentido positivo, mas na ideia de consequência negativa também.

A exemplo, Hannerz (1997) afirma com Park (1964) que “é na mente do homem marginal que a confusão moral ocasionada pelos novos contatos culturais se manifesta sob formas mais patentes”. Aqui está uma nítida consequência negativa desse hibridismo. Primeiro, é o ser humano marginal, isto é, aquele que vive à margem, mas, que segundo Hannerz (1997) ao citar Dubois (1961) “não se dilacerou”, embora as condições socioculturais e econômicas (além de políticas) fossem favoráveis.

O que houve segundo Hannerz (1997) foi celebração a uma duplicidade aparentemente irreversível que se transformara em renovação cultural ou uma

ressignificação cultural. E é nesse plano analítico que situo a discussão de hibridismo, no sentido, de pluri, ou seja, várias identidades em constante interação, comportando aí os neorurais como uma destas identidades que podem ser referida empiricamente ou acionada pelo indivíduo.

Para tanto, tentando situar a neoruralidade posso dizer que é uma identidade caracterizada, sobretudo, pelo retorno ou ida para o campo dentro dos padrões conquistados por cada pessoa na vivência da cidade. Vivência esta, que agora não representa somente a significação de antes, como riqueza, acúmulo material, sucesso, desenvolvimento e sim, tensão, sobrecarga emocional, violência, intranquilidade, dentre outras características.

Para tanto, o que será debatido no item a seguir são os neorurais como processo identitário, incluindo o cenário cultural em que se situam.

3 | NEORURAIS: CATEGORIA IDENTITÁRIA EM CONSTRUÇÃO

Como foi visto anteriormente, o processo identitário não é algo estático e sim, formado da interação entre o “eu” e os vários “eus” do indivíduo. Essa caracterização é atribuída ao sujeito pós-moderno, adotado por Hall (2014, p. 12), na pós-modernidade, conforme a citação que se segue, para distingui-lo do sujeito do Iluminismo e do sociológico:

[...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pela quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas- ao menos temporariamente.

A citação remete à compreensão de Hall sobre identidades. Isto porque para ele o indivíduo é composto de identidades, o que não pode ser considerada crise identitária, como muitos pensadores defendiam. Agora, as identidades são ressignificadas, não implicando em perda de identidade.

Hall (2014, p.12) aponta como outro aspecto da questão da identidade o caráter da mudança, ou melhor, a globalização e sua influência sobre a identidade cultural. E é assim que as sociedades são vistas agora, como sociedade de mudanças constantes e permanentes. É o que ocorre em diversas partes do globo, porém, com identidades diferenciadas.

Em outras palavras, não há um acesso unificado e equitativo às benéficas da tecnologia, por exemplo. Isto porque o próprio mundo capitalista não dá a condição para que os indivíduos tenham igualmente acesso a produtos e serviços ofertados. A exemplo, têm-se as pessoas do campo que não usufruem na sua plenitude do que é ofertado na vida cidadina. Neste contexto, Wanderley (1997, s/p) destaca a relação de dependência entre campo e cidade.

O rural supõe, por definição, a dispersão de sua população, a ausência do poder público no seu espaço e mesmo a ausência da grande maioria dos bens e serviços, naturalmente concentrados na área urbana. Em consequência, o rural está sempre referido à cidade, como sua periferia espacial precária, dela dependendo política, econômica e socialmente. A vida desta população rural depende, portanto, direta e intensamente do núcleo urbano que a congrega, para o exercício de diversas funções e o atendimento de diversas necessidades econômicas e sociais. O meio rural consiste assim no espaço da precariedade social.

Trata-se de uma relação hierarquizada onde a ideia de evolução está na saída das pessoas do campo para cidade, deixando para trás muitas vivências e saberes apreendidos na vida no campo. Tal transição leva a um rompimento de barreiras socioculturais, com vistas em ganhos econômicos e materiais (principalmente). Todavia, é importante destacar, que existem aspectos da descontinuidade que muitas vezes viabiliza a moldagem de outros valores culturais, o que não pode ser chamado de aculturação.

A análise acima é importante para compreensão da modalidade cultural vivida no contexto atual. Um recorte foco desta seção são os neorurais, grupos de pessoas que se caracterizam pelo movimento de retorno ao campo, por terem ressignificado este espaço, como um lugar bom, onde elementos como tranquilidade, calma, contato com a natureza, podem ser desfrutados neste estágio da modernidade, refletido no pensamento de Giuliani (1990, p. 59-60):

Na prática o neo-ruralismo expressa a ideia de que uma série de valores típicos do velho mundo rural, e que se pensava estarem em vias de extinção, passam por um certo revigoramento e começam a ganhar para si adesão de pessoas da cidade. A volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade [...] são as dimensões que atraem pessoas da cidade ao campo, assim como outrora as luzes da cidade atraíram a população do campo.

Segundo Fialho (2005) os neorurais são pessoas que por motivos diversos, resolveram sair da rotina cidadina, aderindo à vida no campo, com o propósito de recuperar hábitos antigos que o mundo urbano desprezou e até sucumbiu. São pessoas na maioria das vezes, com alto poder aquisitivo, provenientes de famílias tradicionais, com alto nível educacional formal.

É um grupo que planeja seu retorno ao campo, com todo acúmulo financeiro que a vida na cidade lhe proporcionou, transferindo, assim, seu padrão de vida material

para sua nova moradia.

Contudo, é importante destacar, que esse não é o único mecanismo de caracterização dos neorurais, já que, muitos retornam ao campo apenas para o lazer ou para atender às suas necessidades pessoais internas, como discorre Soares et al (2008, s/p):

Todas as Comunidades Terapêuticas tem o trabalho ligado ao campo ou a utilização dos recursos naturais como parte de um processo no tratamento para a dependência, seja ela mais explícita em alguns centros, ou menos usual em outros. O importante é a relação direta da natureza com o trabalho terapêutico desenvolvido no espaço rural, e que para este ter outras dimensões, necessitaria de outros recursos, para ser desenvolvido na cidade. [...] Os Centros Equoterapia [...] é uma categoria terapêutica é voltada à reabilitação de pessoas com necessidades especiais e/ou problemas físicos e motores, os quais são denominados de Centros de Equoterapia, devido à terapia ser realizada por um conjunto de terapeutas de diversas áreas do conhecimento e um cavalo [...] A Terapia de Energização está direcionada a outro público, ou seja, este local foi desenvolvido com o propósito de desenvolver uma terapia com viés turístico, tendo a finalidade de descanso mental e físico. [...] Tal local possui fins lucrativos através do turismo e lazer, tendo o propósito de proporcionar o máximo de tranquilidade, rodeada por animais e plantas, faz com que os visitantes se sintam inteiramente em paz e aliviados da tensão urbana.

Assim, com vistas a atender esse segmento que vem se ressignificando identitariamente foram surgindo empreendimentos como: pesque-pague, balneários, trilhas ecológicas, turismo esportivo, hotéis-fazenda, dentre outros. Além disso, na área da saúde têm-se as Comunidades Terapêuticas, Centros de Equoterapia e Terapia de Energização. Entretanto, é imperioso ressaltar, que tais espaços/empreendimentos atendem a uma camada da população com um poder aquisitivo capaz de custear seus anseios, através de uma conexão direta com a natureza.

A análise acima percorrida apresenta uma característica marcante da era globalização: o antagonismo social produzindo diferentes identidades; algo intenso no cenário atual. Em outras palavras, o retorno ou ida ao campo reflete a pluralidade predominante em muitas nações, reafirmando a ideia de identidades como processo contínuo de construção. Tem-se, então, um processo identitário em formulação ou moldagem na medida em que é possível afirmar também uma “recombinação cultural”, já que, agora há a combinação de sistemas culturais aparentemente autônomos.

O fato é que quando o neorural adentra o campo seja temporariamente ou para fins de moradia (principalmente) ele altera uma estrutura aparentemente estabilizada na zona de conforto, impulsionando, mesmo que imperceptivelmente (na maioria das vezes) alterações no sistema cultural e, portanto, identitário da população do campo. Isto porque começa haver uma busca pela aproximação a um padrão de vida e hábitos que genuinamente não compunha a realidade sociocultural anterior.

Assim, como consequência há uma movimentação cultural e por conseguinte (mas não automaticamente), uma modificação identitária. Por fim, afirmar conceitualmente

quem são os neorurais é algo impreciso, pois, como todos os grupos sociais vigentes ou surgidos na globalização, os neorurais não possuem uma identidade fixa, estando esta identidade e as outras identidades em permanente formulação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste material muito se falou em identidade na era da globalização com enfoque nas alterações das relações sociais para então se chegar à discussão de identidade. O que ficou evidente foi que na ótica de autores como Anthony Giddens, Stuart Hall e Ulf Hannerz a identidade é um processo complexo e dinâmico, onde a interação e recombinações culturais permitem afirmar que não há uma identidade fixa e homogeneizada. Há sim, o cruzamento de elementos constantes nos processos identitários. Trata-se, pois, de uma construção permanente.

Viu-se ainda, que o hibridismo discutido em Hannerz é no sentido de uma mistura que fomentou o surgimento de dentre outros processos o de aculturação que se transformou em uma renovação cultural ou recombinação cultural. Para tanto, como recorte foram abordados os neorurais em seus mais variados aspectos para falar deste cruzamento cultural e identitário ocasionado por essa ida ou retorno ao campo. Movimento este, não tão comum em momentos anteriores da história das sociedades e que agora se intensifica.

Desta feita, por não ser possível nesta era da globalização falar em identidade fixa e sim, em identidades é que se pode afirmar que os neorurais não possuem uma identidade pronta, sendo estes, resultado de uma ressignificação cultural característica da pós-modernidade.

5 | REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 13-28.

FIALHO, Marco Antônio Verardi. Agricultura familiar, produção orgânica e “novos rurais”: um estudo de caso no sul do Brasil. In. MOREIRA, Roberto José. (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: D&A Editor, 2005. p. 109-126.

GIDDENS, A. **Globalização e Risco**. In. **Mundo em descontrolado**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 17-45.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIULIANI, G. M. **Neo-ruralismo: um novo estilo dos velhos modelos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.14, p. 59-67, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HANNERZ, U. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional**.

MANA, 1997.

SOARES, Nádya Bolzan; GEDIEL, Ana Luísa Borba e FROEHLICH, José Marcos. Múltiplas funções do rural: cenários naturais e atividades agropecuárias como terapias. In. Anais do **XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural-SOBER**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/9/500.pdf> Acesso em: 05.jan.2015.

WANDERLEY. M. N. B. O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno. In. **ANPOCS**. 1997. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5213 &Itemid=360>. Acesso em: 20.12.2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-045-2

